

# sobre tudo

## COM OS PÉS NA ESTRADA PARA O ESTUDO DO MEIO: UM PASSEIO PELA PESQUISA

Fernando Leocino<sup>24</sup>

Giselle de Souza Paula Pires<sup>25</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como pano de fundo as atividades desenvolvidas nas aulas de Iniciação Científica (IC) dos nonos anos do Colégio de Aplicação (CA/UFSC). IC tem sua proposta fundamentada na metodologia de “estudo do meio” e na educação pela pesquisa, por meio de experiências em espaços e tempos distintos daqueles vivenciados comumente na escola. Partindo das condições em que as aulas de IC e o Projeto Pés na Estrada do Conhecimento são desenvolvidos, procuramos “pistas” no discurso dos estudantes/pesquisadores que possibilitam compreender a (re)construção de sentidos em relação à pesquisa e ao estudo de campo. Utilizamos como objeto de análise os sentidos construídos, por esses estudantes, e registrados em uma atividade de avaliação desenvolvida ao final do processo, fundamentados em uma análise com

---

<sup>24</sup> Doutorando em Educação pela UNICAMP, professor de História do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: fernandoleocino@ca.ufsc.br

<sup>25</sup> Doutora em Biologia pela UFSC. Professora de Biologia do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: giselle.paula@ufsc.br

o aporte teórico da Análise do Discurso Francesa (AD). Observamos no discurso produzido pelos estudantes, quando inseridos em um contexto alinhado à perspectiva de “estudo do meio”, a construção de novos sentidos relacionados à produção de conhecimento que consideram etapas anteriores, presenciais e posteriores à própria atividade de estudo de campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos de meio; Estudante-pesquisador; Produção de sentidos

**ABSTRACT:** The present article has as its background the activities developed in the Scientific Initiation (SI) classes of the ninth years of Colégio de Aplicação (CA/UFSC). IC has its proposal based on the methodology of “milieu analysis” and research, by through experiences in different spaces and times from those commonly experienced at school. Starting from the conditions in which the IC classes and Projeto Pés na Estrada do Conhecimento are developed, we look for "hints" in the students /researchers discourse that make it possible to understand the (re)construction of meanings in relation to research and field study. We used as object of analysis the meaning constructed, by these students, and registered in an evaluation activity developed at the end of the process, based on an analysis with the theoretical reference of French Discourse Analysis (DA). We observed in the discourse produced by the students, when inserted in a context aligned with the perspective of “milieu analysis”, the construction of new meanings related to the production of knowledge that consider previous, presential and later stages to the field study activity itself.

**KEY-WORDS:** Milieu analysis; Student-researcher; Sense production

## 1. O “estudo do meio” ...

O Projeto "Pés na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola" é uma atividade permanente desenvolvida junto aos 9<sup>os</sup> anos do ensino fundamental do Colégio de Aplicação (CA), do Centro de Ciências da Educação (CED), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desde sua origem, mantém como principal objetivo proporcionar um olhar diferenciado sobre o trabalho na sala de aula, como ambiente de pesquisa e construção de conhecimento, sintonizado com as múltiplas questões que cercam os estudantes, na perspectiva da formação crítica e cidadã.

A sua proposta está fundamentada na metodologia de “estudo do meio”<sup>26</sup> e na educação pela pesquisa, na perspectiva da “iniciação científica” e tem como objetivo possibilitar aos estudantes o contato direto com o meio - espaço a ser estudado -, para que possam refletir

---

<sup>26</sup> A metodologia do Estudo do Meio foi pensada a partir da pedagogia do espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) que foi um apaixonado defensor da liberdade e Célestin Freinet (1896-1966). Ferrer pode ser considerado um revolucionário ao destacar o papel social da escola no projeto mais amplo das transformações políticas e ao se dedicar à incansável militância, o que de resto provocou a repulsa de setores reacionários, que culminou com seu fuzilamento. Criticava a atuação do Estado e da Igreja na educação e, para implantar suas ideias, fundou a Escola Moderna de Barcelona, na qual gostava de receber ricos e pobres (cobrava conforme as posses de seus alunos), vindos de famílias das mais diversas ideologias. No Brasil, o Estudo do Meio tem suas origens nas escolas anarquistas, fundadas por imigrantes europeus no início do século XX, mas foi disseminado no interior do movimento da Escola Nova. Tinham por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social. As escolas criadas pelos militantes do movimento anarquista tinham como princípio oferecer um ensino racional, fundamentado em observações de campo, em discussões e na formação do espírito crítico sobre o meio circundante, ou seja, o contexto social do entorno da escola. (ARANHA, 1996; PONTUSCHKA, 2004).

sobre sua dinâmica (relações sociais, desigualdades, injustiças, etc.) e para que tenham condições de apresentar propostas visando a transformação da sociedade (COZZA; SANTOS, 2004). Seguindo este panorama, aponta para o desenvolvimento do trabalho sistemático de “pesquisas de campo”. Esta prática é compreendida, em geral, como uma atividade que “representa uma possibilidade concreta de contato direto entre pesquisador e realidade estudada, o que permite a apreensão de aspectos dificilmente vislumbrados através somente do trabalho em gabinete”<sup>2</sup> (CRUZ, 1997, p. 93).

Cabe salientar que, nesses termos, o “estudo do meio” se distancia de “trabalho de campo”. Segundo Lopes (2013), o “trabalho de campo” pode ser definido como “atividade da recolha de dados para serem posteriormente estudados”, podendo ser realizado nos “extramuros” da universidade, do trabalho, da escola, de casa, de qualquer área do conhecimento humano, de objetivos e metodologias diversas; já, o “estudo do meio” está relacionado ao trabalho de campo no âmbito do ensino, e envolve metodologia específica constituída também por etapas anteriores e posteriores à atividade.

Segundo Claudivan Lopes e Nídia Pontuschka, “estudo do meio” pode ser compreendido como:

[...] um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p.174)

No trabalho desenvolvido pelo projeto Pés na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola é permanente o foco no tratamento de questões relacionadas à ocupação da terra no Brasil, considerando a complexidade de conhecimentos necessários para a compreensão dessa temática. Assim, professores de diferentes disciplinas envolvidos no referido projeto vêm, ao longo de vinte anos, desenvolvendo atividades que rompem com as fronteiras disciplinares, utilizando a pesquisa, associada ao desenvolvimento sistemático de saídas a campo, como ferramentas que possibilitam a interlocução das diferentes áreas do conhecimento.

A estruturação das atividades do Projeto desencadeia a necessidade de uma série de mudanças nas concepções acerca da produção do conhecimento - o que e como “se ensina” e “se aprende” -, pois prevê a construção de sentidos a partir de questionamentos dos próprios estudantes, por meio de experiências em espaços e tempos distintos daqueles vivenciados comumente na escola. Configura-se como a saída da “zona de conforto” de estudantes – agora denominados pesquisadores – e dos professores das diferentes disciplinas – seus orientadores –, que ficam em contato direto com a realidade estudada.

Por sua complexidade, o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelo Projeto “Pés na Estrada” fomenta inúmeras possibilidades de investigação na área da educação. No entanto, pretendemos, neste trabalho, focar em uma questão que sempre chamou nossa atenção: compreender como condições de produção inerentes ao desenvolvimento das atividades desenvolvidas nas aulas de IC influenciam na (re)construção de sentidos, pelos estudantes, sobre a pesquisa e a viagem de estudos.

## 2. O caminho da pesquisa na escola....

A pesquisa realizada pelos estudantes é desenvolvida em duas etapas: uma no primeiro e outra no segundo semestre de cada ano letivo, sendo as temáticas diferenciadas para cada etapa.

Até o ano de 2010, a primeira etapa era realizada com pesquisas cujos temas giravam em torno da posse da terra no Brasil e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A viagem para coleta de dados acontecia para os Assentamentos “União da Vitória” e “Vitória da Conquista”, ambos no município de Fraiburgo (SC). A partir de 2011, decidimos mudar nosso destino, sem perder de vista o foco central de discussão relacionado à problemática de acesso à terra em nosso país. Porém, o grupo resolveu aprofundar as investigações em relação à outra questão referente uso da terra, qual seja: a construção de barragens para produção de energia. Nessa direção, outro movimento de luta pela terra está envolvido: o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Por conta disso, a viagem de estudos, desde então, ocorre para os municípios de Abdon Batista e Itá (SC), e Aratiba e Erechim (RS).

A segunda etapa do projeto ocorre, desde 2000, no segundo semestre, para as cidades históricas de Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João Del Rei e mais recentemente Brumadinho). Nessa etapa, o foco de pesquisa volta-se para a compreensão das rupturas e permanências das relações entre a dinâmica colonial do século XVIII e o Brasil dos tempos atuais.

A temática principal de cada etapa é dividida em eixos de pesquisa, os quais são redefinidos a cada ano, de acordo com o grupo de docentes participantes e abrange linhas de investigação a serem escolhidas pelos estudantes. O professor de cada disciplina orienta pesquisas nos eixos com os quais tem maior afinidade.

A partir de 2010, com a inserção da disciplina de Iniciação Científica (IC) na grade curricular dos 9<sup>os</sup> anos, há duas horas semanais para o desenvolvimento dessas atividades. Esse espaço é utilizado, inicialmente, com o grupo de 75 alunos das três turmas da série, para o tratamento de questões coletivas relacionadas à ciência, à produção do conhecimento científico, à temática de investigação; enfim, uma série de discussões compõem posturas de formação aos estudantes-pesquisadores para que encarem os objetos a serem investigados.

Após essa etapa inicial, durante as duas aulas semanais, os estudantes, organizados em Grupos de Trabalho (GT), são distribuídos em diferentes espaços para orientação na elaboração de seus projetos de pesquisa. Fazem parte dos encontros de orientação, o orientador e seus respectivos orientandos (arranjados em grupos com integrantes das três turmas de 9<sup>o</sup> ano) que são definidos a partir do eixo temático escolhido para o desenvolvimento da pesquisa. Esses grupos de orientação mantêm sua configuração ao longo da primeira etapa (realizada durante o primeiro semestre), e são alterados, tanto em seus componentes, quanto por orientador, na realização da segunda etapa (segundo semestre). A possibilidade da orientação da pesquisa na grade curricular contribuiu significativamente na qualidade dos trabalhos desenvolvidos. Anteriormente a esse período, o trabalho de orientação de pesquisa ocorria no turno contrário, sem possuir horário definido no plano individual dos docentes e sequer poderia configurar como horário obrigatório para os estudantes.

Nos encontros de orientação é definida a temática de pesquisa por cada equipe com a seleção, a leitura e a discussão de aporte teórico que fundamente a delimitação da pergunta e dos objetivos de pesquisa. Além dessas discussões, é construído o projeto de pesquisa contemplando seus componentes como: introdução, referencial teórico, justificativa, objetivos geral e específicos, metodologia, cronograma de atividades, referências e produto. A construção e o

desenvolvimento do projeto de pesquisa constituem instrumento metodológico de suma importância no propósito de proporcionar ao estudante, a compreensão sobre a fase anterior à pesquisa propriamente dita, bem como, o planejamento das ações visando a execução da proposta investigativa. Verificamos que essa é uma das etapas mais difíceis do trabalho de Iniciação Científica na escola, já que necessita de leitura e escrita que foge da linguagem escolar e que considere o dito por outro autor em seu embasamento teórico. No entanto, ao longo do ano, os estudantes-pesquisadores vão se familiarizando com o conteúdo específico de suas pesquisas e a complexidade do trabalho vai se diluindo.

Dando suporte ao trabalho de orientação, há o envolvimento dos professores em suas disciplinas específicas, trabalhando com conceitos e conteúdos que possam subsidiar a construção do projeto e desenvolvimento da pesquisa. Semanalmente, nas reuniões de planejamento, os professores envolvidos no projeto tecem discussões acerca das atividades a serem desenvolvidas em IC e dos planejamentos de cada disciplina, a fim de que as diferentes áreas do conhecimento possam contribuir com seus conteúdos e conceitos específicos, necessários à fundamentação das pesquisas desenvolvidas pelos estudantes. Além dos aspectos didático-pedagógicos, é nesse espaço em que são organizadas as viagens de estudos.

A viagem de estudos, com a coleta de dados, ocorre após um trabalho intenso de desenvolvimento da pesquisa e preparação para a etapa do campo. Nesse sentido, optamos pela utilização do termo “estudo de campo”, pois, ao nosso ver, refere-se a uma parte do estudo e remete à existência de outras etapas de estudo, anteriores e posteriores a esse momento. Desse modo, amplia os termos “viagem de estudos” que pode restringir a investigação a essa etapa, desconsiderando a etapa anterior e/ou posterior à viagem; e “saída de campo” que pode ocorrer, somente, para recolher dados e/ou materiais



para serem estudados posteriormente. O “estudo de campo” possibilita a vivência da aprendizagem para além dos muros da escola. Em campo, as cidades e os locais visitados são a escola e cada estudante busca, por meio da observação e da escuta (de guias, palestrantes e entrevistados - pessoas da população, representantes do MST, MAB e hidrelétrica), respostas para suas perguntas de pesquisa. No retorno, é feito o levantamento dos dados obtidos, as gravações são transcritas, e os resultados são analisados para elaboração do produto. A forma de apresentação deste é decidida pelo grupo de professores-orientadores, ao término de cada uma das duas etapas. Como resultado da primeira etapa já foram produzidos: jornais, revistas, reportagens e ensaios escolares. A segunda etapa é caracterizada pela produção de audiovisual, a fim de que toda riqueza de imagens produzidas nas cidades históricas de Minas Gerais seja bem aproveitada e experienciada através de outra forma de narrativa.

A iniciação científica como ocorre nos 9<sup>os</sup> anos do CA/UFSC apresenta todas as etapas de um processo de pesquisa. Por fim, ocorre a divulgação das pesquisas para a comunidade em diferentes formas: apresentação dos trabalhos no Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação (SICEA); apresentação na Semana de Pesquisa e Extensão da UFSC (SEPEX); Mostra de Curtas; e Mostra Pedagógica, sendo essas duas últimas realizadas anualmente no CA.

O desenvolvimento da pesquisa, como descrito até aqui, permite que mudanças de atitudes mais passivas dos estudantes, numa perspectiva tradicional, se transforme em movimento, quando os mesmos assumem, necessariamente, a postura de construção de uma proposta investigativa; afinal, se não houver o movimento em direção ao conhecimento, o mesmo não será produzido. Tal situação também acontece com o professor que, ao assumir o papel articulador de orientador, assume o compromisso de ser parceiro na construção da pesquisa, possibilitando e discutindo a viabilidade de métodos e

leituras. Assim, o reconhecimento do professor-orientador e do estudante-pesquisador, na dinâmica escolar, mudam de forma significativa o paradigma característico das relações entre esses sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

### 3. Nosso olhar...

Partindo das condições em que as aulas de IC e o Projeto “Pés na Estrada do Conhecimento” são desenvolvidos procuramos “pistas” no discurso que possibilitam compreender a (re)construção de sentidos em relação à pesquisa e à viagem de estudos/estudo de campo, na perspectiva de “Estudo do Meio”, por estudantes do 9ºano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação. Utilizamos para essa análise respostas elaboradas pelos estudantes-pesquisadores que ao final do ano letivo respondem a uma série de perguntas em um questionário semiestruturado que serve aos professores para a avaliação do processo construído ao longo daquele ano, e também, como base de planejamento para o vindouro.

Cabe ressaltar que utilizamos a palavra “sentido” fundamentada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso da Linha Francesa (AD), com caráter polissêmico adquirido a partir da consideração das condições de sua produção. O sentido é construído a partir do funcionamento da “linguagem”<sup>27</sup> considerando os sujeitos envolvidos e as condições em que ocorre sua produção, as quais incluem, de modo geral, a situação imediata e o contexto histórico-social mais amplo.

As considerações acima, fundamentadas nos pressupostos teóricos da AD, tem sua base teórica estabelecida por Pêcheux (1969)

---

<sup>27</sup> Considerada na perspectiva da AD como interação, relação necessária entre o homem e a realidade natural e social; como um trabalho, como uma produção, enquanto parte da produção social; como um trabalho simbólico, quando se mantém a especificidade da linguagem (ORLANDI, 2003).

que a constituiu por meio da filiação e relação entre três domínios disciplinares: a Linguística, a Psicanálise e as Ciências Sociais<sup>28</sup>.

A linguagem é concebida então, mediadora entre o sujeito histórico e o mundo que o cerca e não somente um código de comunicação. Assim, são considerados os processos e as condições de produção da mesma - estabelecendo relações entre a língua e os sujeitos que a falam e entre estes e as condições em que se produz o dizer; tanto em seu contexto imediato como em seu contexto mais amplo (sócio histórico e ideológico); também devemos considerar que os sentidos são produzidos em relação a outros sentidos, o que pressupõe uma memória discursiva ou interdiscurso, que disponibiliza dizeres, os quais afetam o modo como o sujeito significa em determinada situação. De outro modo, a observação da memória discursiva remete “o dizer a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” (ORLANDI, 2003, p.32). A consideração dessas relações possibilita a compreensão da forma como os sentidos são produzidos para/pelos sujeitos.

Nesse trabalho, nossa perspectiva metodológica seguiu um delineamento qualitativo e teve como foco de investigação o discurso e

---

<sup>28</sup> Pêcheux utiliza-se da não-transparência da linguagem. “A relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro” (p.19). Das Ciências Sociais, filia-se ao materialismo histórico, considerando que “há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta, também não lhe é transparente”. Da relação entre esses dois campos disciplinares emerge a forma material do discurso - linguístico-histórica. Assim, em sua forma material, a língua é vista como o “acontecimento do significante” “em um sujeito afetado pela história”. Por fim, da Psicanálise, considera-se o “deslocamento da noção de homem para a de sujeito, permeado na ideologia, que por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história” (ORLANDI, 2003, p.19).

os sentidos produzidos pelos estudantes que frequentaram as aulas de Iniciação Científica e participaram das atividades do Projeto “Pés na Estrada do Conhecimento”.

Utilizamos como objeto de estudo os sentidos construídos por esses estudantes registrados em uma atividade de avaliação desenvolvida no final do processo. O objetivo dessa atividade era a reflexão sobre o desenvolvimento das pesquisas realizadas nas duas etapas do projeto.

Fundamentamos as análises nos pressupostos teóricos da AD Francesa. Assim, consideramos a opacidade da linguagem, ou seja, que a linguagem não é transparente, na medida em que, compreendemos a construção de sentidos para/pelos sujeitos por meio do estabelecimento de relações entre a língua e os sujeitos que a falam e entre esses e as condições em que se produz o dizer.

Essas considerações trazem consigo a necessidade de explicitarmos como concebemos a interpretação presente em nossa análise. Segundo Orlandi (2003), a interpretação aparece em dois momentos na análise: o primeiro momento refere-se à interpretação que faz parte do objeto da análise, ou seja, considerar que o sujeito que fala no discurso em análise, interpreta; o segundo momento está relacionado à compreensão de que não há descrição sem interpretação, sendo assim, o próprio analista está envolvido na interpretação. Assim, o analista tem papel determinante tornando cada análise própria, por influência da memória discursiva do autor e das perguntas postas por ele ao objeto estudado, ambas determinando os limites do corpus da análise. Por esta razão, é importante a construção, pelo analista, de um dispositivo teórico que possa intervir na relação dele com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação. Nas palavras de Orlandi (2003):

A construção desse dispositivo resulta na alteração da posição do leitor para o lugar

construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete, mas situa, compreende o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é seu alvo. Ele pode então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. [...] o analista do discurso, à diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições. (ORLANDI, 2003, p. 61)

O dispositivo teórico permite a mediação teórica permanente em todos os passos da análise, possibilitando ao analista um trabalho intermitente entre descrição e interpretação os quais constituem seu processo de compreensão. Já, o dispositivo analítico é construído a partir das questões colocadas face aos materiais de análise que ele objetiva compreender e em função do domínio científico que ele vincula seu trabalho.

Em nossa análise consideramos o exposto acima, pois, fundamenta o que pensamos em relação ao nosso objeto de pesquisa: “a construção de sentidos”, e também como concebemos o papel determinante do analista nos resultados obtidos na pesquisa.

Neste estudo, portanto, apoiados em Orlandi (2003) assumimos que “o sujeito significa em condições determinadas” (p.53). Partimos do pressuposto que a construção de sentidos pelos estudantes em relação ao desenvolvimento das atividades de pesquisa foi realizada em determinadas condições que a distingue de outras. Nessa perspectiva, os sujeitos envolvidos e a situação em que ocorreu a produção de determinado sentido são fundamentalmente as condições de produção

(ORLANDI, 2003), compondo desse modo, dados que estão presentes em nossa análise e sustentam as discussões.

Ao aproximarmos o contexto de desenvolvimento das atividades de IC, pelos estudantes, à abordagem discursiva, devemos considerar aspectos que influenciaram na construção de sentidos em relação à pesquisa, como: o contexto imediato - o local onde a atividade está sendo desenvolvida (aula de IC); os sujeitos envolvidos (os estudantes e o professor orientador com suas histórias de vida, histórias de leitura, expectativas) suas ações (práticas do professor orientador e dos estudantes) como se relacionam (representações que fazem e papéis que se estabelecem); as relações de força e poder (relacionada, principalmente, à avaliação que resultará em nota para o estudante); e o contexto amplo: a escola e o modo como está estruturado o ensino nessa instituição, que sujeito a escola quer formar, ou seja, “o que traz para consideração elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas instituições” (Orlandi, 2003, p.31).

#### **4. Um passeio pela pesquisa...**

Em nossa investigação, analisamos sentidos (re)construídos pelos estudantes relativos às atividades desenvolvidas em IC, mais especificamente, aspectos relacionados ao estudo de campo e as suas experiências como pesquisadores, buscando identificar e caracterizar as condições em que esses foram produzidos.

Concebemos, fundamentados na perspectiva de “estudo do meio”, o estudo de campo como uma das etapas do processo contínuo de produção do conhecimento atrelado às etapas anteriores e posteriores a esse momento. Assim, revela-se a importância da compreensão das condições em que as aulas de Iniciação Científica ocorrem para o entendimento da construção de sentidos pelos estudantes.

Caracterizamos todas as etapas da pesquisa na perspectiva que adotamos, como um espaço de interlocução entre sujeitos e, por essa razão, de produção de discurso, que resulta do efeito de sentidos entre os interlocutores, cada qual com suas memórias discursivas relacionadas às atividades de pesquisa e viagem de estudos. Especificamente nas aulas de IC, que antecederam e sucederam o estudo de campo, as ações e representações que ocorreram nesse espaço de aprendizagem, foram determinantes nos sentidos construídos pelos estudantes. Com as atividades desenvolvidas, pelos grupos, de escolha do eixo/tema de pesquisa; levantamento bibliográfico; determinação dos objetivos da investigação; desenvolvimento da proposta metodológica; pesquisa de campo; e elaboração do(s) produto(s) final(is); pretendemos proporcionar maior autonomia aos estudantes, permitindo um processo mais individualizado de interação do sujeito com o contexto e, portanto, diferenciado na produção de conhecimento.

Verificamos que o trabalho na sala de aula, enquanto ambiente de pesquisa, e considerando o sujeito histórico-ideológico (com histórias de vida e de leitura, e inserido na sociedade), possibilitou aos estudantes a construção de novos sentidos relacionados à pesquisa, como, o significado de estudos de campo, o que é e como se realiza pesquisa e se produz conhecimento. Esse processo ocorreu através da seleção de determinadas problemáticas da sociedade, nas quais os estudantes estão inseridos, e a partir do reconhecimento deles como pesquisadores.

Nesse cenário, ao começarmos a analisar as respostas de alguns dos estudantes-pesquisadores, um texto particularmente nos chamou atenção no que diz respeito aos significados das atividades escolares com foco nas pesquisas de campo. Ananda<sup>29</sup>, depois de um ano de

---

<sup>29</sup> Todos os estudantes tiveram seus nomes substituídos por fictícios. Os seus escritos foram mantidos em sua grafia original.

experiência com os estudos do meio e diante da interrogação sobre seu entendimento a respeito dos estudos de campo, nos diz “é onde você não vai para um local só para lazer, mas sim para discutir alguma coisa”. Talvez, acostumada aos passeios escolares cujo objetivo não passava pela pesquisa, ao acrescentar a ideia de “discutir algo”, mostra um novo sentido dado a esse tempo escolar - deixando pistas da existência de uma etapa anterior de preparação para os estudos de campo, na qual são definidas questões que devem ser investigadas, discutidas. Seu dizer sinaliza a busca por respostas para algo em andamento, evidenciando a existência de “etapas anteriores, presenciais e posteriores à própria atividade” (LOPES, 2013, p.03), características do “estudo do meio”. A construção de sentido nessa mesma direção pode ser identificada no posicionamento de Alexandre:

Estudo de campo no meu ver é um estudo “livre”, fora do ambiente escolar que consiste em coleta, análise e interpretação de dados adquiridos em campo. Resumindo, você vai para campo com um propósito, pesquisa e lá você coleta dados para complementar a pesquisa.

No excerto acima, podemos identificar, também, o imaginário em torno da novidade e do diferente. Essa característica permeia os discursos dos estudantes quando esses relacionam a prática de construção do conhecimento para além do ambiente escolar. Tal percepção é corroborada por Nádila que acrescenta, na sua perspectiva, a importância dos processos de aprendizados relacionados a sua identificação e interesse:

Aprendi que além de estudar e aprender dentro de sala de aula o estudo em campo possibilita o aluno de aprender mais, não só sobre o assunto tratado em sala ou só o assunto tratado na pesquisa, mas sim, aprende muitas coisas diferentes ou



relacionadas ao assunto abordado em sala e faz com que nós, alunos, nos identifiquemos mais, nos interessamos mais.

As respostas de Alexandre e Nádila apontam para algo bastante interessante quando analisamos suas percepções relacionadas aos estudos de campo no contexto adotado: a perspectiva do “movimento” na construção do saber. Nesse sentido, ao tratar do conjunto de “coleta, análise, interpretação”, descrito por um, e a “possibilidade de aprender mais”, registrada por outro, sugerem importantes significados dessa ação escolar. Nesse mesmo âmbito, outros estudantes também apresentam pontos de vista que ajudam a problematizar e ver nesses aprendizados ações que passam longe de meras transmissões de conhecimentos, mas sim que se caracterizam pela construção deles, constituídos com ajuda da prática da pesquisa. Para Marina, “estudo de campo é quando você vai além das pesquisas bibliográficas, pesquisando na ‘raiz’ do problema/assunto, entrevistando pessoas que vivem aquilo”, enquanto Vitor destaca que “é quando nós pesquisadores vamos atrás da informação ao invés dela vir até nós em sala de aula”. Os sentidos construídos pelos estudantes-pesquisadores relativos ao processo de pesquisa vivenciado, evidenciam características de “estudos do meio” presentes nas propostas de Ferrer, entre as quais podemos destacar: “a crença de que o espaço contém informação, o debate a partir do objeto escolhido, as entrevistas com pessoas que possuem outra relação com espaço visitado (funcionários, moradores, etc.)” (LOPES, 2013, p.07). Além disso, segundo Fernandes (2001), essa prática, “estudo do meio” desenvolve o protagonismo dos participantes e os encara não como receptores de um conhecimento externo a eles, e sim, como produtores de conhecimento.

A forma como os estudantes-pesquisadores lidam com o “novo” através das ações de pesquisas aparecem com bastante ênfase diante da indagação sobre a importância dos estudos de campo para a

formação estudantil. Gustavo destaca que, “sempre é bom respirar novos ares, novas culturas, novas pessoas e suas perspectivas de vida, isso tudo amplia nossa mente”. Para Alexandre, essa prática “ajuda também a fazer os estudantes a conhecerem novas realidades e a fazerem um ‘olhar crítico’ com o local analisado”.

O contato e a experiência com realidades distantes da sala de aula, como já evidenciado anteriormente, demandou nas aulas de IC, uma série de leituras e discussões de planejamento que antecederam os estudos de campo através das viagens de estudo. Como será que os estudantes deram sentido a esse processo? Nas suas análises, conhecer com maior profundidade o assunto do projeto de seu grupo foi importante?

A análise das respostas dos estudantes-pesquisadores permite concluir que “conhecer”, “entender” e “se envolver” com as temáticas tratadas por seus grupos nos projetos, foram de suma importância para o desenvolvimento de suas pesquisas. Como se evidencia nas palavras de Nádila:

Para mim tem muita importância, pois como se vai a campo sem saber o que vai fazer, o que vai ser perguntado, o que vai ser pesquisado? Não vai, então, procuramos ao máximo nos envolver no assunto tratado.

A preocupação com os estudos prévios também foi significado por Mariana, mas lembrados como parte de um processo:

Lemos e procuramos entender a fundo! Tentamos extrair mais informações nas saídas de estudo. Tem importância sim, mas só quando você viajar e pesquisar com pessoas e lugares que a conclusão será feita.

Os estudos prévios como parte de uma etapa significativa foram recorrentemente destacados nas reflexões de muitos outros estudantes. Ana Lara, por exemplo, reforça a importância dos caminhos direcionados, já na construção do projeto:

O meu grupo foi a campo sabendo o que buscávamos como resposta. Para mim, isso foi importante pois nos deu uma direção para seguir em relação a coleta de dados.

Nesse conjunto de respostas, outra questão que sobressai entre os escritos dos estudantes, é a relevância dada ao conhecimento prévio diante da imprevisibilidade do andamento do projeto em campo (preocupação principalmente ligada às entrevistas com questões semiestruturadas). Para muitos deles, conhecer o assunto mais profundamente ajudaria diante das situações inesperadas. Nesse sentido, o estudante Danilo analisa:

Tínhamos bastante informações e isso é importante. Se não saber o que se está pesquisando não dá para conseguir tantos dados e é importante também para se virar caso não ocorra como se tinha planejado.

No mesmo caminho, Renata também pondera:

Tínhamos que chegar lá com as perguntas, saber do assunto que tratamos era o principal. Sabendo um pouco mais nossas perguntas, dúvidas eram respondidas aos moradores.

Os dizeres relativos à importância do conhecimento prévio sobre o assunto a ser estudado em campo, evidencia sentidos que foram construídos pelos estudantes na etapa anterior ao estudo de campo.

Nessa etapa prévia, por meio de aprofundamento no tema escolhido para investigação, foi realizado um aprofundamento teórico do assunto a ser pesquisado, foi definido o problema de investigação, foram traçados os objetivos e foi definida a metodologia de pesquisa.

Diante dos discursos produzidos pelos estudantes sobre a atividade de pesquisa desenvolvida, outra questão potente a ser problematizada diz respeito ao sentido construído em relação à experiência de se tornar um(a) pesquisador(a). Quais foram os significados registrados nos escritos estudantis ao final do ano letivo?

Ao que indicam os dizeres dos estudantes, a ideia de uma prática escolar significativa, voltada à pesquisa, ganha relevo. Nas palavras da estudante Mariah:

Foi uma experiência muito significativa, para entender a importância do campo, pois tem coisa que só vimos e percebemos a realidade quando estamos lá. Sim, o que eu pensava antes de ir às viagens mudou conforme foram feitas as pesquisas.

Para além dos novos sentidos atribuídos à realidade através da ação de investigação, percebemos, nos escritos da estudante, apontamentos sobre mudanças no modo de pensar o ato da pesquisa, quando inserida nessa perspectiva escolar. Nessa mesma direção, Nádila afirma:

Muita coisa mudou. Cheguei aqui sem nenhuma noção de como fazer pesquisas, como começar e tais e hoje sei que para fazer uma pesquisa primeiro de tudo tem que ser muito curioso, depois questionar e para depois começar a fazer a pesquisa.

Como afirma a participante, ela não tinha conhecimento das etapas para o desenvolvimento de uma pesquisa, porém, sua colocação indica mudanças para uma postura de pesquisadora. Essas mudanças estão atreladas aos momentos iniciais relacionados a ‘como pesquisar’, nos quais se dá início ao processo de investigação com questionamentos do tipo: Qual a curiosidade? Para qual questão não se tem resposta? Essa mudança de atitude também pareceu fazer sentido a outro estudante, Danilo, ao explicitar que “algumas coisas mudaram, como quando se faz uma pesquisa para um trabalho e está lá, certa ação aconteceu por isso, mas porque aconteceu isso, porque foi assim?”. Suas palavras dão pistas da compreensão acerca do papel de um pesquisador, já que sustenta que para se chegar ao resultado da pesquisa se faz necessária a formulação de questões prévias que sustentam a investigação.

A experiência da pesquisa por meio de “estudo de campo” desenvolveu-se nos moldes do “estudo do meio”, visto que identificamos nos sentidos construídos pelos estudantes em relação à pesquisa, não somente a importância de todas as etapas de produção do conhecimento anteriores, presenciais e posteriores à etapa do campo, como também, a concepção de que a construção de conhecimento, nesse contexto, dá-se por meio de um desenvolvimento contínuo. Nessas condições, a etapa de estudo de campo pode não ser sinônimo de “viagem de estudos” e de “saída de campo” - dependendo das condições em que essas sejam produzidas-; e tem significado distante daqueles “passeios escolares” tantas vezes projetados ao lazer, e, por vezes, até confundidos conceitualmente com “estudo do meio” em propostas pedagógicas de algumas escolas (LOPES, 2013). Estes “passeios pela pesquisa” (como sugere nosso título) possibilitaram outras constituições de sentidos diante dos olhares dos estudantes-pesquisadores. Alexandre relata:

A experiência de ser um pesquisador foi enriquecedora, pois ela expande seu conhecimento, faz você olhar tudo com olhos diferentes, sempre pensando na história do local, sempre olhando as coisas com outros olhos não mais de turista, mas sim de pesquisador.

A questão elencada por ele, parece fazer jus à ideia do movimento na constituição de saberes com um olhar aguçado de pesquisador, que traz para experiência um lugar importante para a construção do conhecimento e está alinhado às contribuições de Claudivan Lopes e Nídia Pontuschka, para os quais:

A realização dos Estudos do Meio, em todos os níveis de ensino, mas particularmente na educação básica, pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. (LOPES; PONTUSCHA, 2009, p.173).

### **Ainda, algumas palavras...**

Por fim, mas longe de encerrar o assunto, no campo das discussões curriculares da educação básica, o trabalho com a pesquisa no cotidiano escolar nos parece bastante potente para o diálogo entre a sala de aula e o mundo circundante a ela. A possibilidade do contato mais direto entre o estudante-pesquisador e a realidade estudada, projeta o desenvolvimento de um espírito crítico e investigativo sobre ela. Nos processos de desnaturalização e problematização do mundo, o jovem pesquisador fica diante de predisposições a fortalecer uma consciência crítica, reflexiva e também democrática no mundo. Enxergar esse universo com outros olhos pareceu ter sentido e

significado aos estudantes-pesquisadores. No “passeio pela pesquisa” a escola possibilitou e projetou cumprir outro papel, não de transmitir conteúdos, mas ensinar caminhos de como ler e problematizar o mundo. Com os “pés na estrada” outras são as sensibilidades possíveis no “caminhar” do conhecimento. Como termina (mas não conclui) Ananda nos diz:

Muita coisa mudou com IC, comecei a enxergar os locais em que visito com outros olhos. Agora que viajo ou saio para algum local sempre fico pensando quais povos viviam ali antes? Qual a memória abordada desse local? Será que tem algum mistério por baixo disso tudo? Por que essa rua tem esse nome etc.? Antes eu ia para os locais a procura de lazer e agora eu vou e fico tentando saber a história dali.

## Referências

- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- COZZA, M. M. R.; SANTOS, O. R. A. G. **A interdisciplinaridade no Estudo do Meio**, [online] 2004, Disponível em: <http://www.moderna.com.br/arariba/docs/geografia.pdf>. Acesso em 20 jan. 2016.
- CRUZ, R. C. A. Os caminhos da pesquisa de campo em geografia. **Revista Geosp**, São Paulo, vol. 1, n. 1, 1997.
- FERNANDES, A.T. C. Estudos do meio na formação continuada do(a) professor(a) de história. **Nuances**. Presidente Prudente, UNESP, vol. 03, set. 2001.
- LOPES, D. E. Estudos do Meio: Ensino, Política e Consumo. [online] **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**: conhecimento histórico e diálogo social. Natal, ANPUH. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/>. Acesso em 07 nov. 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5ª ed. Campinas, Ed. Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1990.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. [online] In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/90866>. Acesso em 10 nov. 2019.

PONTUSCHKA, N. N.; LOPES, C. Estudo do meio: teoria e prática. [online] **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografial>. Acesso em 07 nov. 2019.